



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

LEITURA E PRODUÇÃO DE TEXTO: UMA EXPERIÊNCIA NO ENSINO FUNDAMENTAL

Adelgise Silva Moreno Fernandes;

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, adelgisefernandes@hotmail.com

Introdução

A concepção atual da escrita, envolve tanto a leitura como a produção de textos e, difere-se da de algum tempo atrás de acordo com as demandas e diversidades nos usos da escrita social. (Kleiman, 2006).

Destarte, cogitar sobre leitura e produção de texto é reconhecer a importância dessas práticas para o desenvolvimento da sociedade tecnológica vigente, que cada dia mais exige das pessoas a capacidade de compreender, refletir e posicionar-se – através de textos orais ou escritos – acerca dos fatos que os circundam. “O objeto real é o homem social (e público), que fala e se expressa por outros meios.” (Bakhtin, M. 2003), estabelecendo relações dialógicas reflexivas e questionadoras com si próprio, onde observa e vivência para que haja posteriormente uma relação dialógica com o mundo exterior.

Nesse ideário, o que pretendesse narrar aqui é o resultado de uma experiência empreendida por três alunas do curso de Pedagogia – UFRN, Ceres Caicó -, de uma pesquisa acerca do trabalho com leitura e produção de texto, desenvolvido por um professor numa turma do 4º ano – Ensino Fundamental -.

Portanto, essa pesquisa teve como proposta constatar, por meio da observação da prática do educador durante esse processo de ensino-aprendizagem, se a metodologia aplicada em sala de aula proporcionou aos estudantes desenvolverem uma leitura com funcionalidade e escrita de forma intencional, ou se eles, apenas, decodificavam as palavras e reproduziam os textos.

Metodologia

O experimento foi realizado na Escola da Pedra¹ – Acari/RN -, em uma turma do 4º ano do Ensino Fundamental, composta por 32 (trinta e dois) alunos. Para desenvolver a pesquisa

¹ É um nome fictício para referir-se à instituição na qual a pesquisa foi desenvolvida.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

registrou-se os dados observados, com o auxílio de um notebook, e coletou-se os materiais utilizados – texto e avaliação impressos -pelo profissional da educação no decorrer da aula de Língua Portuguesa e Ensino Religioso. Ademais, realizamos uma entrevista estruturada com o professor, que serviu de subsídio para a construção do presente artigo.

Como tratou-se de uma pesquisa explicativa/qualitativa, que teve como preocupação central identificar e avaliar se o método, aplicado pelo docente, contribuiu ou não para que os alunos desenvolvessem uma leitura e produção de texto eficaz – funcional e intencional -, a metodologia aplicada foi a não-experimental.

Resultados e Discussão

A observação foi realizada na Escola da Pedra, no município de Acari, em uma turma do 4º ano do Ensino Fundamental, composta por 32 (trinta e dois) alunos. A pesquisa efetivada durante uma aula de Língua Portuguesa e Ensino Religioso, onde o docente levou para sala um escrito sobre os santos que norteiam as comemorações juninas, segundo a crença católica.

Após esclarecer sobre o tema, sem instigar os estudantes para que levantassem hipóteses, o educador determinou que cada um deveria realizar a leitura silenciosa e, em seguida, compartilhada. Dessa forma, dos 32 (trinta e dois) alunos, apenas 3 (três) demonstravam dificuldade na leitura e 1, mesmo alfabetizado, apresentava-se disperso e sem interesse pelo texto.

Posteriormente, o professor começou a questioná-los sobre as informações presentes no texto, para avaliá-los quanto à compreensão. Na mesma perspectiva, foi proposto que todos compartilhassem as experiências em festas juninas. Esse foi um momento de muita interação entre professor-aluno e aluno-aluno, possibilitando a produção de diversos textos orais. Sobre isso Bakhtin, M. (2011) afirma que toda palavra é semiprópria/semialheia, pois a produção textual sempre irá partir da leitura de outros textos, ou seja, quando escrevemos/falamos estamos discorrendo a respeito de algo que já lemos, assistimos ou escutamos anteriormente.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Os alunos eram comunicativos e suas produções orais bem estruturadas, havendo uma variação linguística que é resultado das influências nordestinas, já que eles habitam a região do semiárido potiguar. Nesse cenário, Bagno, M. (2010) diz:

“Temos [...] variedades geográficas, [...] de gênero, socioeconômicas, etárias, de nível de instrução, urbanas, rurais etc. [...] Toda língua muda [...] porque toda língua, além de variar geograficamente, no espaço, também muda com o tempo.” (pp.20-22)

Em seguida, foi realizada uma avaliação com consulta ao texto em pauta. Consideramos essa pouco atrativa, tendo em vista que as perguntas eram as mesmas que o docente havia feito durante a discussão, citada anteriormente, com os discentes. Sendo assim, concluímos que esse teste não favoreceu a subjetividade da criança ou reflexão sobre o assunto, o que deu a esse momento um caráter monótono. Percebemos, também, que houve muita consulta ao professor durante a aplicação do teste, isso nos levou a cogitar se realmente as crianças haviam compreendido as informações do texto ou se elas leram superficialmente.

Diante de todas essas observações, para podermos avaliar a prática docente acerca desse trabalho com leitura e produção de texto, utilizamos os pressupostos de Kleiman (2006). Para desenvolver uma boa aula de leitura é imprescindível a existência de um conjunto de orientações para que o leitor chegue a construção do seu sentido do texto, tais como, contextualização do texto, ativação do conhecimento prévio, construção de mapa textual, leitura individual com objetivo pré-definido e verificação de hipóteses de leitura.

A contextualização do texto é a etapa fundamental para que o discente levante hipóteses acerca do tema de acordo com o seu conhecimento preexistente. Para isso é necessário que o docente trabalhe com um texto dotado de elementos contextualizadores – título, subtítulo, imagens e legendas -, a partir dos quais o leitor em formação e o proficiente inicia sua leitura com uma ideia bastante concisa do tema que será abordado. Nessa perspectiva, observamos que o educador negligenciou no que se relaciona a presença desses elementos, dos quais só existia o título “Os santos padroeiros das festas juninas”. Com a falta dessa orientação, percebeu-se que as crianças não tiveram oportunidade de construir e avaliar suas presunções, que caracteriza a etapa de ativação do conhecimento prévio.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Nesse conjunto de instruções, existe também a construção do mapa textual, onde o professor analisa o texto junto a turma de forma a auxiliá-la no processo de compreensão das partes que compõem o escrito. Assim sendo, notamos que não houve realização desta etapa, mas, uma explanação do que se tratava o texto, apenas, não atendendo as necessidades dos educandos que apresentaram muitas dúvidas durante a, posterior, avaliação de Ensino Religioso.

A leitura individual constitui a última etapa e o sucesso dessa está relacionado ao objetivo estipulado como, ler para verificar se as hipóteses formuladas pelos alunos estavam corretas. Logo o leitor em formação e o proficiente estarão motivados para a leitura. Isso não foi o que se constatou durante a pesquisa, tendo em vista que o grupo assistiu passivamente a aula e realizou a leitura por obediência ao pedido do professor.

Por fim, ao término da aula, questionamos o educador por meio de uma entrevista estruturada composta por 6 (seis) questões, sobre as quais faremos um breve discurso agora. As indagações ocorreram em torno de como ele trabalha a leitura e produção de textos em sala de aula e quais recursos utiliza; quais as dificuldades encontradas; o que ele considera mais importante no processo de letramento para que ele seja positivo; qual a fundamentação teórica que embasa seu trabalho; se gostaria de participar de alguma formação relacionada a esse tema; e que sugestão poderia dar acerca do trabalho com a leitura e produção de texto para os graduandos de pedagogia.

Nesse contexto, fazendo uma síntese de todas as respostas, averiguamos que o mesmo gosta de trabalhar com a leitura silenciosa e oral, produção de texto com embasamento na realidade e utiliza recursos didáticos como filmes e livros. A dificuldade relatada é na motivação da turma e com os 3 (três) alunos que não dominam a leitura, dos quais 1 (um) explica-se pelo fato de sofrer com a dislexia. As conjecturas nas quais o profissional da educação baseia-se é Vygotsky, Piaget, Skinner – recompensa – e Paulo Freire – afetividade -, o mesmo ainda considera necessária e deseja participar de cursos nessa área para uma maior capacitação. Por fim, como sugestão aos graduandos de pedagogia, o professor afirmou que o sucesso de uma aula desse gênero está na escolha dos textos que devem abordar temas interdisciplinares.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

É função da escola formar sujeitos letrados, não apenas alfabetizados. A diferença entre esses dois estados está no grau de familiaridade com os diversos usos da escrita no cotidiano. Portanto, consideramos que a atividade realizada pelo professor não contribuiu de forma significativa para a formação de um leitor e escritor proficiente. Isso justifica-se pois foi ínfimo o momento no qual os estudantes tiveram a oportunidade para posicionar-se subjetivamente sobre o assunto e a após o momento de leitura, ao invés de ter sido proposta uma avaliação que permitisse a escrita livre do educando, o docente escolheu um exercício que limitava-o a uma ação de reproduzir o conteúdo do escrito. , os educandos mostraram pouca compreensão sobre a função da escrita na aplicação da avaliação, ou seja, leram e produziram textos sem finalidade, reproduzindo somente as informações explanadas pelo docente.

Conclusão

“O professor pode contribuir para a transformação do quadro em crise da educação no país e superar a sua impotência ensinando o aluno a ler.” Comenta Kleiman (2006). Embasado nesse pensamento, esse estudo foi de grande valia para nós enquanto futuros profissionais da educação, pois a investigação, acerca dos elementos necessários para formação de um leitor proficiente numa aula de leitura e produção de texto, ampliou nossos conhecimentos ao passo que contribuiu para articulação entre teoria e prática.

Ainda, a presente pesquisa sofreu, no decorrer de seu desenvolvimento, várias mudanças, questionamentos e inquietações até chegar a seu término. Isto é justificado pela complexidade do tema abordado, assim, compreendemos que há bastante o que aprender-se. É interessante ressaltar que a conclusão sobre a prática do professor refere-se, apenas, ao momento observado e pode ser aplicado em outras situações, desde que apresente circunstâncias semelhantes.

Referências Bibliográficas

BAKHTIN, Mikhail Mjkhailovitch. **Estética da criação verbal** / Mikhail Bakhtin [tradução feita a partir do francês por Maria Emsantina Galvão G. Pereira revisão da tradução Marina Appenzellerl. – 2’ cd. – São Paulo Martins Fontes, 1997. – (Coleção Ensino Superior).



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

BAGNO, Marcos. **A Língua de Eulália: Novela Sociolinguística**. 17 ed. São Paulo: Contexto, 1997.

KLEIMAN, Ângela B. **Leitura e interdisciplinaridade: tecendo redes nos projetos da escola**/ Ângela B. Kleiman, Silvia E. Moraes. - Campinas, SP: Mercado de Letras, 1999. – (coleção ideias sobre linguagem). 6º reimpressão 2006.